DEPOIMENTO DO CINQüENTENÁRIO DE UM SÓCIO

* Prof. Dacir Menezes

Posso dizer que foi José Sombra, inesquecível mestre da Filosofia no 5o. ano do curso integral do Liceu do Ceará, em 1925, apelidado de "curso de humanidades", quem, oito anos depois, moveu o ânimo do **Barão de Studart** a abrir-me as portas deste Instituto. **José Sombra** morrera no ano anterior. a dedicatória de meu primeiro livro de Filosofia à sua memória comovera profundamente o Barão, que o adorava.

Quero colocar também no limiar desse agradecimento o nome do então jovem coronel do magistério militar que seguia, na historiografia cearense, as pegadas ilustres do grande pesquisador, o Dr. **Carlos Studart**, portador do mais insigne convite de toda minha vida de estudioso. Três nomes que evoco com respeito e saudade.

Confessarei, porém, que aquele longínquo e jovem candidato, mal saído do Doutorado em Direito, aqui chegava para o magistério cheio das recordações de um cálido jornalismo das vésperas da revolução de 30, ainda vendo as realidades nacionais através de restos de miragens adolescentes que beiravam o socialismo e suas incandescências marcistas. Mas era um espírito que entrara num processo de resfriamento já às margens do agnosticismo científico, onde, à sombra de alguns gigantes do pensamento germânico, ficaria meditando até hoje.

1

Nas sessões do Instituto, que se realizavam no rés do chão na residência do Barão, vizinha ao "Clube dos Diários", encontrei, ao lado da figura venerável, outras inolvidáveis figuras – o prof. Antônio Teodorico da Costa, o historiador Eusébio de Souza, o desembargador Álvaro Gurgel de Alencar, Souza Pinto, Livino de Carvalho, João Paulino (que se recusava a ocupar a cadeira do pai, Dr. Paulino Nogueira), o querido professor Martinz de Aguiar, cujo nome ressoa no coração de algumas gerações de alunos.

Assim, neste agradecimento, praz-me ao coração de setuagenário lembrar essa plêiade gloriosa que representa uma tradição de amor à terra e de que sois vós os continuadores legítimos das andanças pelos meandros de um passado onde amanhecia a consciência nordestina.

2

Perdoem se evoco episódios onde se refugia uma vaidade irreprimível. Mas quando repasso na memória esses quadros e essas figuras, tudo o mais tende a minguar na apreciação do itinerário estudioso que tive a dita de empreender. Nesta hora feliz, só me acodem ao espírito os perfis que minha admiração adolescente sagrou no resplendor do afeto – perfis que pairam acima do jogo mesquinho das cobiças subalternas. Desculpando certas fraquezas veniais, verifico que não escapou de minha pena ou de meus lábios qualquer lisonja aos que não tivessem qualidades morais de combatentes pela verdade ou pela justiça ou pela decência intelectual, no passado ou naquele presente que já passou. Louvei a qualidade do civismo ou a resistência daqueles caráteres,na relatividade das circunstâncias humanas em que viveram. Sempre descobri, na minha galeria, ao acaso das lembranças, e sem fugir às imperfeições da falibilidade humana, o motivo, o lampejo, o sinal superior de ordem moral ou de ordem intelectual.

3

Talvez porque a personalidade de Farias Brito fosse sempre lembrada por José Sombra com carinho e entusiasmo, o filósofo cearense ressurge em minha imaginação bem ao vivo, com essa vida que só a adolescência pode emprestar nas cores de uma **realidade sugerida.** Foi Stênio Gomes, colega do 1o. ano da Faculdade de Direito, quem me emprestou o primeiro volume da **Finalidade do Mundo,** das estantes de seu Pai, o desembargador Gonzaga. Retive o livro quase um ano. A tese de José Sombra intitulava-se **A Idéia de Direito na Filosofia de Farias Brito,** escrita para concurso, de que, enfadado do borborinho que se prolongava até os atos acadêmicos, veio a desistir. E assim perdeu nossa Salamanca quem mais nobre e luminosamente poderia ocupar aquela cátedra fundamental.

Pouco se disse sobre José Sombra até os dias correntes. No seu convívio, convenci-me de que o filósofo que o fascinava profundamente era Kant. Disse-me uma vez, advertindo-me de que era opinião de Lange, que ninguém tomava posição na arena filosófica sem ajustar contas com Kant. Mas todo pensamento de José Sombra era iluminado pela suave claridade de suas convicções cristãs, como um luar onde as arestas dos caracteres desapareciam.

Gosto de citar um episódio ocorrido em aula, no meu derradeiro ano do Liceu, quando eu e **José Agostinho Nogueira,** fugindo do catecismo em que fora domesticado, descobríamos, maravilhados, numa sublivraria da Rua Guilherme Rocha, que viveu pouco, as obras de Le Dantec, de Ingenieros e Le Bon, as quais, aliadas às valentias de Nietzsche, fariam a efervescência beligerante do nosso espírito. Evolucionismo, darwinismo e positivismo foram os ingredientes para nossos arrojos. Naquela aula, lancei, vaidoso, após uma tentativa do Mestre para nos fazer entender a definição de metafísica, a vontade de Haeckel sobre teologia, que lera nos Enígmas do Universo, o naturalista perguntava se Deus se apresentaria no estado sólido, líquido ou gasoso.

Delicadamente surpreso, José Sombra louvou que "o nobre colega se desse a leituras que estavam acima da frivolidade habitual, mas que se permitia dar uma orientação melhor aos seus passos." Recordo que terminou o conselho dizendo que havia citado Kant: e quando se falava em Kant, falar em Haeckel, era como sair à rua com uma lamparina quando o sol a fino clareava a paisagem.

4

Na terra da gente, quando não se é político, os amigos são preciosos; o tempo passa, e eles vão diminuindo. Por isso mesmo, valem cada vez mais a medida em que o horizonte de nossa saudade cresce em nosso coração até o apagar final de todas as ilusões. É nesse crepúsculo do espírito que, numa tarde como esta, entrevejo o perfil de meu Pai como a suprema visagem que poderia assumir nas lindes de uma consciência, que ele soube inspirar, a verticalidade de alguns princípios éticos que jamais me abandonariam nas vicissitudes da vida. Esta medalha, meus amigos, é dele mais do que minha. É em sua memória que a recebo agora.

Não encerraria estas palavras sem render preito de gratidão a todos os Colegas do Instituto na pessoa do ex-Presidente Mozart Aderaldo Castelo, que incentivou este prêmio ao velho amigo. Ele evocou, num ensaio que desatava uma visão regressiva do passado da rua Barão Rio Branco, aquela esquina para mim inolvidável onde demorava a "Casa Singer", em cuja sala aberta para as manhãs onde a claridade sorria, minha mãe fora professora de bordado, numa Fortaleza tão longínqua para mim que já parece perdida no sonho das ruas felizes e sossegadas, que matinalmente atravessávamos, eu e meu irmão, rumo ao Colégio do velho Castelo. E quantas figuras ainda me acodem vindas de longínquos horizontes de saudade Hermínio Barroso xxx Thomás Pompeu xxx Antônio Augusto Vasconcelos xxx Gomes Parente xxx Dias remotos, dias felizes, que se desataram por mais de setenta anos, e que revejo hoje ao lado de uma companheira incomparável, filhos inexcedíveis no

seu afeto e amigos que quase me convencem de que mereço esta hora e este prêmio do mais alto Instituto de minha terra, com a mais emocionante láurea que poderia ambicionar.